António Osório e a sua antologia pessoal

Desde *A Raiz Afectuosa* (1972), toda a obra poética de António Osório se tem desdobrado por caminhos de um claro indício amoroso, não como discurso em redor apenas dos afectos, mas também pela declarada intenção amorosa. E, convicto da dimensão expressiva da sua poesia, o autor de *Décima Aurora* procedeu agora a uma nova "antologia pessoal" em que na sua *Casa das Sementes* cabe tudo e o mais que o leitor quiser descobrir: ou seja, os lugares do amor, a ignorância da morte, a crónica da fortuna, os aforismos mágicos e outras analogias de uma pessoal e evidente afirmação literária.
Mas por ser António Osório um poeta do amor e da fulguração dos afectos e dos silêncios, tem sabido desvendar o seu trajecto desde o livro inicial por entre muitos outros caminhos, no acumular de muitos livros ao longo de trinta e cinco anos bem contados e sempre na coerência de um discurso poético que muito se tem singularizado na poesia portuguesa dos anos 70, sem nunca recusar os poetas que lhe fizeram companhia ou ao lado de quem pôde fazer uma viagem pessoal, como uma vez mais se espelha em *Casa das Sementes*: Goethe, Montale, Pound, Ungaretti, Rilke ou Pavese.
Desde sempre bem entendida e aceite pelos nossos críticos (David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, Joaquim Manuel Magalhães, Fernando Guimarães, Prado Coelho ou Gustavo Rubim, entre outros, como se observa nas referências críticas incluídas no final desta edição), todo o percurso de António Osório tem sido feito no somar de muitos poemas, por saber do que fala e do que canta, do que lamenta e de si mesmo se lamenta, tanto nos poemas como nas prosas das suas *Crónicas da Fortuna* e assim demorados têm sido os anos nesse profundo sentimento do mundo que se entrelaça numa dupla teia e nesse itinerário sinuoso, vibrátil, solar ou nocturno, em forma de melancolia que não pede licença para se impor e ser a medida de todos os conflitos ou desamores ou uma "felicidade de pintura, na evocação de alguns pintores com destinos desiguais como os de Goya, Greco, Chagall, Vermeer, Modigliani ou Cranach.
Na leitura desta antologia tão pessoal de António Osório e na releitura de poemas de tantos outros livros, podemos também declarar como Eduardo Lourenço que na "sobriedade elíptica" do poeta de *Libertação da Peste* existe *"qualquer coisa que a assimila à poética gnóstica e de epitáfio, sabedorias enigmáticas e claras na sua voluntária obscuridade".*

António Osório
CASA DAS SEMENTES
Antologia poética
Ed. Assírio & Alvim ? Lisboa, 2006